

EDITORIAL

É com grande satisfação que a Revista Dialectus traz a público seu vigésimo sétimo número, composto pelo Dossiê *Existencialismo: fontes, diálogos e repercussões*.

Passaram-se mais de sessenta anos desde a morte de pensadores de notável calibre como Albert Camus e Maurice Merleau-Ponty, e quase quarenta anos desde a morte dos gigantes intelectuais Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Mesmo assim, o Existencialismo permanece uma iniciativa filosófica contemporânea como poucas outras. Tendo encontrado rápida recepção em solo brasileiro, tornou-se e mantém-se até hoje uma *vertente* extremamente popular e profícua no Brasil, tanto na quantidade como na qualidade dos trabalhos produzidos sob seu signo – seja em se tratando dos pioneiros que consolidaram uma interpretação brasileira da singular escola francesa divulgando-a em obras e cátedras reconhecidas de norte a sul do país, seja no que concerne às pesquisas universitárias atuais que se multiplicam e adquirem repercussão internacional. Forjado pelas situações extremas ocasionadas pelos grandes conflitos mundiais do século XX (entre eles a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, as Guerras de Independência na África e na Ásia), os pensadores vinculados ou relacionados à onda existencialista iniciada nos anos 40 assumiram sempre uma vocação, além de teórica, política. Seguiram todos eles, de variadas formas, a máxima hegeliana de elevar sua própria época ao nível do conceito. É a esse legado, e com o objetivo de fazer circular as contribuições de pesquisadoras e pesquisadores que se dedicam a explorar, relacionar e atualizar as discussões fundamentais dos clássicos existencialistas, que o presente número procura fazer jus.

Nesse espírito, abrimos o Dossiê com o texto *Intelectuais clássicos no mundo das redes sociais: redefinição de seu papel em tempos de pandemia e eleição no Brasil*, de Thana Mara de Souza, com o qual a autora intervém, a partir das proposições sartrianas, no debate sobre o lugar que o intelectual (não exclusivamente o filósofo) ocupa e a figura que encarna na sociedade brasileira atual, com um lúcido olhar para os desdobramentos de situações de nossa história recente, tais como o avanço do autoritarismo conservador, a gestão nacional da pandemia de Covid-19 e as eleições de 2022

O segundo artigo, *A análise sartriana sobre a construção ego do escritor Jean Genet frente a sua liberdade*, propõe uma articulação do tema da subjetividade com base na proposta sartriana de uma psicanálise existencial, recuperando, a partir de uma obra na média das vezes secundarizada quando se trata de reconstituir o percurso intelectual de Sartre, a potência de conceitos cardeais como os de transcendência do ego, espontaneidade e liberdade.

Com *O processo psicoterápico à luz do pensamento de Jean-Paul Sartre*, Marivania Cristina Bocca, Queli Cristina Peccini Grelak e Zuleica Pretto desenvolvem, descrevendo-a e dando-lhe as devidas fundamentações teóricas, a empreitada do processo psicoterápico mediado pelas formulações fenomenológicas, dialéticas e psicanalíticas oriundas da filosofia sartriana. As autoras se preocupam ainda em articular a metodologia do processo psicoterápico às dimensões antropológicas e sociológicas que situam o sujeito analisado, sublinhando o caráter integrador da abordagem existencialista em psicoterapia.

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva discute, em *A controvérsia existencialista: Sartre e Gabriel Marcel*, o tópico tão sensível quanto polêmico da filiação conceitual ao existencialismo, marcado por imprecisões de ordem histórica, midiática e por vezes até autorais; pois se trata de lançar luz sobre divergências em torno do núcleo da proposta teórica existencialista, tal como formulado, principalmente, por Sartre, mas também tal como é reapropriado, questionado ou criticado por filósofos renomados que, a exemplo de Marcel, visualizam nuances significativas sobre a posição do existencialismo frente à tradição filosófica e à filosofia dita contemporânea.

Vemos também no artigo de Tiago Soares dos Santos e Reginaldo Cesar Pinheiro o esforço de recuperação de um diálogo produtivo com a obra sartriana a partir de outro importante filósofo do século XX, Norberto Bobbio. Os autores lançam mão, em *Norberto Bobbio: o existencialismo na perspectiva do decadentismo sartriano*, do conceito bobbio de decadentismo como chave de leitura privilegiada para situar historicamente os conceitos e personagens das obras filosóficas e literárias de Sartre.

Em *Erotismo e criação contra inautenticidade, virilidade e autoritarismo: é possível mudar as regras do jogo?*, Juliana Oliva mobiliza as categorias da reflexão existencialista e feminista de Simone de Beauvoir para pensar a dimensão criativa e positiva da atitude erótica. Aproximando a elaboração conceitual leitura de circunstância e da construção poética, a autora nos oferece um panorama de imagens que apontam para uma alternativa crítica capaz de enfrentar as engrenagens de perpetuação da virilidade como sustentáculo de uma forma de vida autoritária.

As contribuições sofisticadas de Maurice Merleau-Ponty se fazem presentes pela lente de Rodrigo Benevides B. G., cujo texto *Intencionalidade e aquisição de linguagem em Merleau-Ponty* traz a cena a influência da perspectiva fenomenológica, das teses da *Gestalttheorie* e das lições de Saussure sobre as reflexões merleau-pontyanas em torno do

problema da linguagem. O autor chama atenção para a centralidade dessa discussão na obra do filósofo francês, dado que ela serve ainda como ocasião privilegiada para as formulações mais originais de Merleau-Ponty acerca da intersubjetividade.

Marcio Pereira acessa a filosofia de Albert Camus, em *Uma ética para o Antropoceno: Albert Camus como pensador da natureza*, com vistas à localizar, na constelação filosófica, romanesca e jornalística dos textos camusianos, uma contribuição potente para o debate contemporâneo sobre o problema ambiental e as transformações em nível geológico produzidas pelo impacto humano no planeta, bem como a proposição de uma ética à altura dos desafios impostos por essa crise sem precedentes históricos.

Contamos ainda com a tradução de *Um inédito de Merleau-Ponty*, texto que, como o próprio nome já diz, permaneceu inédito durante a vida do autor vindo a ser publicado postumamente na *Revue de Métaphysique et de Morale*, em 1962. O texto, embora curto, sumariza as pesquisas de Merleau-Ponty e oferece seu próprio ponto de vista sobre as suas obras já publicadas e aquelas em fase de elaboração, servindo de testemunho para um pensamento de valor incontestado, ainda que subitamente interrompido.

Com votos de sincera estima, a equipe da Revista Dialectus deseja uma boa leitura e, por antecipação, um Feliz Ano Novo a seus leitores e colaboradores.